



PROFESSORES HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS E (DES)ENCONTROS ENTRE CORPOS, BRINCADEIRAS E CUIDADOS

Male Teachers in Early Childhood Education: narratives, encounters and avoidances between bodies, games and care

Patrícia Dias **PRADO**
Doutora em Educação
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
patprado@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8790-1594> 

Viviane Soares **ANSELMO**
Mestre em Educação
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
vivianselmo4@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6128-8111> 

Isabela Signorelli **FERNANDES**
Pedagoga
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

isabela.signorelli.fernandes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7046-0067> 

RESUMO

As narrativas de professores homens da Educação Infantil sobre as imposições e expectativas conferidas a eles e às professoras mulheres no exercício da docência, nestes espaços públicos, educativos e coletivos, são o centro deste artigo. Produzidas por meio de entrevistas semiestruturadas e problematizadas à luz das pesquisas do campo da Educação Infantil e dos estudos sociais da infância, as narrativas revelam diferentes maneiras com que o sexismo e as discriminações de gênero podem impactar na atuação dos professores, como a necessidade de legitimar continuamente suas capacidades profissionais e a vigilância e/ou negação da dimensão do cuidado. Além disso, os professores entrevistados revelam e reconhecem promover e provocar corporalmente diferentes experiências e brincadeiras junto às crianças, contribuindo para ampliação das reflexões sobre a dimensão brincalhona na docência, para a valorização e reconhecimento dos professores e para uma Pedagogia da Educação Infantil em que cuidar e educar de meninas e meninos pequenos seja indissociável para professores e professoras.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Professores homens. Educação e cuidado. Gênero. Dimensão brincalhona.

ABSTRACT

The narratives of male teachers of Early Childhood Education about the impositions and expectations given to them and to female teachers in the exercise of teaching, in these public, educational and collective spaces, are the center of this article. Produced through semi-structured interviews and problematized in the light of research in the field of Early Childhood Education and social studies of childhood, such as gender studies, reveal different ways that sexism and gender discrimination can impact the performance of teachers, such as the need to continually legitimize their professional skills and the surveillance and/or denial of the dimension of care. In addition, teachers reveal and acknowledge promoting and provoking bodily different experiences and games with children, contributing to the expansion of reflections about playful dimension in teaching, to the appreciation and recognition of male teachers and for a Pedagogy of

Early Childhood Education in which to take care and educate small girls and boys is inextricably linked to male and female teachers.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Male teachers. Education and care. Gender. Playful dimension.

INTRODUÇÃO

O campo de pesquisas da Educação Infantil e dos estudos sociais da infância têm defendido uma concepção de infância e de Educação Infantil que respeite os direitos fundamentais das crianças pequenas em creches e pré-escolas, através da garantia do direito à brincadeira (BRASIL, 2009 e 2010) e da valorização das mais variadas linguagens, com as quais as crianças constroem seus conhecimentos, saberes e se relacionam (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998; EDWARDS; GANDINI e FORMAN, 1999; PRADO, 2009; GOBBI, 2007).

Assegurar estes direitos significa buscar caminhos para a construção de uma Pedagogia que resista a todas as formas de hierarquia, dominação e poder, buscando "(...) relações nas quais todos (adultos e crianças) aprendem e ensinam" (SAYÃO, 2002, p. 103). Resistir, nesse sentido, significa pensar também na temática da diferença e das desigualdades nos espaços educativos, atravessadas pelas distinções de gênero, etnia, raça, classe social, idade, geração e sexualidade (LOURO, 2010; PRADO, 2015).

Este artigo centra-se nas reflexões sobre as narrativas de professores homens da Educação Infantil, sobre as imposições e expectativas conferidas a eles e às professoras mulheres, no exercício da docência, nestes espaços públicos, educativos e coletivos, fruto de pesquisa de Iniciação Científica (FERNANDES, 2014), que buscou investigar a dimensão brinçalhona dos professores homens da Educação Infantil, num momento de escassas produções sobre a temática. Contudo, busca-se aqui, tecer parceria analítica e atualizada, a partir de pesquisa de mestrado (ANSELMO, 2018), que também investigou a dimensão brinçalhona de professoras/es da Educação Infantil, aprofundando as questões de gênero na construção desta profissão docente¹.

Refletir sobre as imposições e expectativas impostas aos homens e às mulheres na docência da Educação Infantil é, primeiramente, definir gênero como elemento constitutivo de relações sociais de poder, a partir das diferenças entre eles/as (SCOTT, 1995) e considerar que, tais imposições foram histórica e culturalmente encontrando

¹ Um estudo de caso, em uma creche e pré-escola universitária, com pesquisa de campo e observação da jornada educativa de um grupo de crianças, sua professora e de momentos coletivos com a presença do único professor homem, com registro em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com o/a professor/a (em Autores/as, 2019 e 2020).

morada ao entorno de nossos corpos, determinando os encontros e desencontros que estabelecemos com o mundo e vice-versa. Vianna (2013, p. 174) afirma que essa profissão é considerada uma ocupação de sentido social feminino e que isso não está relacionado somente ao fato de sua maioria ser desse sexo, mas às "(...) visões apriorísticas divulgadas na sociedade".

Rosemberg e Saporoli (1996) afirmam que esta profissão se constitui em um trabalho feminino, por ser esse o exercício de uma função do referido gênero, vinculada à esfera da vida reprodutiva, do cuidado e da educação de crianças pequenas. Assim, "(...) a qualificação das/os profissionais que atuam na Educação Infantil parece limitar-se a, ou pelo menos incluir, componentes tidos como inerentes à sua socialização" (ROSEMBERG; AMADO, 1992, p. 72).

As marcas de desigualdade/discriminação de gênero que permeiam a socialização dos homens e mulheres e suas profissões afetam não somente elas que, ao ocuparem esta profissão tida como feminina, são muitas vezes enquadradas em expectativas de atuação ligadas somente à maternagem, ao cuidado e ao afeto, com um amor que bastaria ao que necessitam as crianças, mas também eles que, muitas vezes, encontram limitações sobre o lugar que podem ocupar nestas relações de cuidado e afeto. Faz-se fundamental, então, questionar formas machistas e sexistas que permeiam as expectativas de um perfil de docência baseado em um ideal de feminilidade que é criado, imposto às mulheres e negado aos homens professores (PRADO; ANSELMO, 2019, p.15).

Este artigo aborda as relações estabelecidas entre os professores homens e as crianças pequenas, investigando os limites, possibilidades e condições sobre as quais se concebem a *adultês* masculina e, portanto, sua forma docente. Entendemos que as representações simbólicas e os diversos controles sociais e culturais, aos quais estamos submetidos enquanto adultos/as, não serão as mesmas para ambos os sexos, encarcerando ao longo da vida homens e mulheres, e os seus corpos, em um lugar simbólico diferenciado.

A partir do recorte das narrativas de cinco professores homens de Redes Municipais de Educação Infantil, obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, discutimos sobre as limitações e expectativas marcadas pelo sexismo, pelas relações de poder e pelas desigualdades, que se perpetuam nos espaços coletivos de Educação Infantil. Considerando os principais aspectos citados pelos professores, as análises revelam seus sentimentos de não pertencimento e a necessidade de provarem sua competência, antes mesmo do exercício da função docente; as relações com o cuidado de bebês e de crianças pequenas, e a vigilância constante que as envolvem; as trocas de funções, de acordo com um tipo de masculinidade esperada e aceita; e os encontros

corporais que se dão nas brincadeiras, eixo desta educação, que deve educar e cuidar de forma indissociável.

REVISÃO DA LITERATURA: "PORQUE HOMEM ESQUECE. HOMEM ISSO, HOMEM AQUILO..."

As discussões trazidas neste artigo constroem-se a partir da busca em perceber de que maneira os professores homens estabelecem relações com as crianças pequenas da Educação Infantil e, principalmente, qual lugar as brincadeiras, os corpos, gestos, movimentos ocupam nas suas jornadas educativas (FERNANDES, 2014). A ideia é dar visibilidade à educação dos sentidos (DUARTE JR., 2010) em uma Pedagogia de corpos inteiros (PRADO, 2015), que valorize as manifestações expressivas como formas de comunicação prioritárias das crianças pequenas, principalmente, quando elas ainda não falam (BUFALO, 1997; PRADO, 1999a).

"Os conhecimentos na Educação Infantil estão situados na esfera da totalidade do ser humano" (SAYÃO, 2005, p.25). Conceber as crianças nesta esfera, significa contemplar suas diferentes linguagens corporais e, assim como acentua Siebert (1998), perceber que as crianças são "só" corpo e confrontam-se com a falta de palavras para se expressarem como os/as adultos/as.

Sendo assim, a dimensão brincalhona torna-se pré-requisito da formação e do trabalho docente (GHEDINI, 1994; PRADO, 1999b; PRADO; ANSELMO, 2020), fazendo-se essencial que professoras e professores da Educação Infantil permitam-se brincar e se alfabetizem nas múltiplas linguagens das crianças, fazendo-se, também, disponíveis corporalmente, para reconstruir o lúdico furtado dos/as adultos/as, no capitalismo (MARCELLINO, 1990):

Brincar com as crianças e permitir o tempo necessário para que elas possam criar, requer do adulto-educador conhecimento teórico sobre o brincar e o brincar, e muita paciência e disciplina para observar, sem interferir em determinadas atividades infantis, além da disponibilidade para (re)aprender a brincar, recuperando/construindo sua dimensão brincalhona (FARIA, 1999, p. 213).

Neste estudo (FERNANDES, 2014), assim como na pesquisa de mestrado (ANSELMO, 2018), há um enfoque na dimensão brincalhona dos professores de crianças pequenas, a partir da hipótese de que, como homens, estabelecem relações diferenciadas com as crianças, nas quais as brincadeiras com os corpos e movimentos destacam-se, uma vez que, histórica e culturalmente, suas dimensões brincalhonas foram menos cerceadas do que as das mulheres (FINCO, 2007). Elas que, por sua vez,

são historicamente responsáveis pela educação das crianças pequenas, dentro e fora de casa, e grande maioria das profissionais docentes da Educação Infantil.

Entendemos que, trazer estas discussões, partindo da centralidade da dimensão brincalhona, nas relações estabelecidas no cotidiano da Educação Infantil e das experiências dos professores, em suas trajetórias profissionais, possa ampliar a compreensão sobre a construção da masculinidade, considerando-se ainda, as escassas pesquisas que se ocupam de escrever uma história dos homens na Educação Infantil. “Se temos poucos trabalhos sobre a educação de meninas e mulheres, talvez tenhamos ainda menos estudos sobre a formação de meninos e homens” (LOURO, 2010, p. 62).

As pesquisas têm demonstrado que, nesta profissão que está sendo inventada, na qual é necessário que se reaprenda a brincar, movimentar e sentir, os homens têm estabelecido relações diferenciadas com as crianças, por terem desenvolvido uma consciência corporal que abrange maiores possibilidades de interação ao se entregar a uma relação de corpo inteiro com as crianças pequenas.

As características biológicas do corpo feminino, por muito tempo, delimitaram as atividades que poderiam ser realizadas pelas mulheres, como uma medida de proteção de seu sexo, considerado mais frágil que o masculino. Goellner (2013) acentua que as justificativas para tais restrições de movimento, como a ginástica, esportes e lutas, estavam centradas em explicações biológicas, que colocavam a necessidade de se preservar os órgãos reprodutivos femininos, frágeis, para uma maternidade sadia. Desta forma, “(...) tais proibições conferiram diferentes lugares sociais para mulheres e para homens” (GOELLNER, 2013, p. 33) - o que fez com que o lar fosse reconhecido como local de domínio das mulheres, onde poderiam exercer as virtudes consideradas próprias de seu sexo, como “(...) maior disciplina, contenção, controle, pudor” (CARVALHO, 1998, p. 4).

Da mesma maneira, acentuou Goellner (2013, p. 30) ao dizer que: “(...) o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc.”. Através da diferenciação das características do corpo feminino, controlado, podado e contido, e do corpo masculino, não só liberto desses controles, como estimulado à expandir e explorar os espaços, os corpos femininos e masculinos trazem impressos os discursos cultivados sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Bourdieu (1999) demonstra que, as diferenças anatômicas entre o corpo feminino e o corpo masculino, e de seus órgãos sexuais “(...) pode assim ser vista como justificativa natural da diferença

socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da diferença socialmente construída do trabalho” (BOURDIEU, 1999, p. 20).

Torrão Filho (2005, p.136) aponta que o gênero consolida desigualdades binárias, determina diferenças naturalizadas, constrói um discurso sobre o que é ser masculino e feminino e “(...) encarcera homens e mulheres em seus limites”. Os limites aos quais estamos confinados, enquanto homens ou mulheres, firmam em cada cultura não só comportamentos, como também padrões estéticos, que definem os modos de falar, de se relacionar, de se expressar corporalmente, de se vestir, se portar, tomar atitudes em diferentes situações, se emocionar, se afetar, se sentar e brincar, de acordo com o que se espera e se aceita, de um homem e de uma mulher.

Ramos (2011) constatou que, as diferenças corporais entre homens e mulheres são fatores que interferem no cotidiano do trabalho docente, e apontou que: “(...) na Educação Infantil não é possível desconsiderar o destaque que essas diferenças corporais adquirem quando se trata das interações físicas entre os professores homens e as crianças” (RAMOS, 2011, p. 85).

Para Bourdieu (1999), a mulher sofre de um “confinamento simbólico” assegurado, até mesmo, pelas roupas utilizadas, como vestidos e saias, que chamam a mulher continuamente à ordem. As virtudes e os comportamentos atribuídos às mulheres pouco permitiram a exploração de suas expressões corporais mais abrangentes nos espaços sociais. Para o autor, as mulheres são mantidas em uma espécie de cerco invisível, que limita seus movimentos e deslocamentos, enquanto os homens, principalmente em lugares públicos, tomam o maior lugar com seus corpos.

A feminilização estabeleceu certos controles corporais sobre as meninas, que fizeram com que elas se contivessem mais nos espaços sociais, sem grandes movimentações. As brincadeiras das meninas sempre estiveram relacionadas à maternagem e às tarefas domésticas atribuídas às mulheres, nas quais os corpos permanecem contidos, controlados, sem gestos ou movimentos bruscos, sem grande exploração do espaço e das possibilidades dos próprios corpos. Os meninos, no processo inverso, de masculinização, estiveram mais livres deste controle corporal e de restrição da movimentação (VIANNA, 2013).

Tal diferença, pode ser facilmente percebida se pensarmos, desta vez, nas brincadeiras vivenciadas pelos meninos, nas quais o correr, pular, saltar e se arriscar são sempre mais permitidos e estimulados. Nesse sentido, Becchi (2003, p. 44) acentua que: “(...) no caso das meninas, o mundo as prende durante quase todo o

seu crescimento”, o que acaba por justificar a dificuldade das professoras em entrar na brincadeira de forma livre, despreocupada e sem receios.

Sayão (2005), em sua pioneira pesquisa de doutorado sobre os professores homens da Educação Infantil, teceu a hipótese de que a presença dos professores gera maior envolvimento corporal com os meninos e meninas, por eles não terem sido submetidos à “ideologia da domesticação” e aos mesmos controles corporais que as mulheres. A pesquisadora ainda traz o pensamento de Badinter (1993), acentuando que: “(...) os homens se envolvem mais corporalmente com os bebês através de jogos corporais mais estimulantes e/ou excitantes para os/as pequenos/a” (SAYÃO, 2005, p. 242) e que, por isso, apresentariam ligeira vantagem quando o tema é a brincadeira.

Essa disponibilidade para estar com as crianças, para elas e a partir delas, no contexto educativo, é o que constitui a própria profissão de professor/a de Educação Infantil. Na pesquisa de mestrado de Anselmo (2018), o único professor homem presente na equipe da instituição pesquisada narra o lugar que ocupa por meio de exemplos das diferentes ações que fazem parte de sua atuação profissional: nas brincadeiras, no cuidado, na criação, na invenção, na ousadia, na ruptura de preconceitos que possam existir e, principalmente, na escuta cuidadosa das crianças.

As diferentes ações que constituem a complexidade do exercício da docência na Educação Infantil, porém, são marcadas frequentemente por desigualdades e discriminações de gênero, com expectativas sexistas de um perfil profissional que é imposto às mulheres e negado aos homens professores (ANSELMO, 2018). Além do lugar secundário que a brincadeira acaba ocupando no cotidiano educativo e, conseqüentemente, na dimensão brinçalhona em cena dos/as profissionais, há ainda, a desconfiança em relação à capacidade dos professores homens em ocupar este lugar e uma vigilância e/ou interdição de suas relações de cuidado e afeto, que se evidenciam como pontos comuns nas narrativas sobre suas práticas (FERNANDES, 2014).

METODOLOGIA: NA BUSCA POR PROFESSORES

O longo percurso de busca pelos professores foi marcado por diversos obstáculos, que exigiram alterações nos procedimentos metodológicos iniciais da pesquisa, sem desconsiderá-los, contudo, uma vez que, já revelavam elementos importantes para a temática investigada. A princípio, seria realizada pesquisa de campo, em uma instituição de Educação Infantil pública, acompanhando a jornada

educativa de um docente homem e sua turma de crianças, com registro posterior em caderno de campo, e com realização de entrevistas com o professor e com outras/os profissionais. Entretanto, encontrou-se grande dificuldade em localizar esses professores, de acordo com os critérios acima estabelecidos e, principalmente, em receber sua aprovação para a realização da pesquisa de campo.

A investigação de caráter qualitativo, em sua readequação, passou a centrar-se na realização das entrevistas semiestruturadas, com roteiro prévio, com cinco professores homens de diferentes instituições de Educação Infantil públicas, três deles, da Rede Municipal de São Paulo, um da Rede Municipal de Campinas/SP e outro, da Rede Municipal de Santos/SP. As entrevistas caracterizaram-se por questões abertas para compreender as percepções dos próprios professores sobre suas formas de relação com as crianças, especialmente, aquelas que tivessem seus corpos e as brincadeiras como centro.

Como afirma Cardoso (2007), através das entrevistas acessamos as representações que estes professores possuem de si mesmos e sobre as características que eles se atribuem, definindo seus contornos e trajetórias na docência. Construíram-se, então, narrativas autobiográficas, colhidas mediante autorização prévia.

As razões para a disparidade numérica entre homens e mulheres na profissão envolvem toda a construção histórica e social da Educação Infantil e sua construção, assim como, o preconceito e a desvalorização deste segmento educacional. As exigências de que os homens atuassem como provedores da maior parte da renda familiar, e a falta de reconhecimento social e econômico da profissão docente provocaram o afastamento e o desinteresse pela profissão, por parte dos homens.

Mais do que isso, faz-se relevante acentuar que, no campo da Educação Infantil, persiste a naturalização do magistério como uma profissão feminina, que não se justifica pela predominância de mulheres, mas pelos conteúdos de gênero que caracterizam esta ocupação (IZQUIERDO, 1994), além de seu caráter inicial assistencialista, vinculado às lutas do movimento feminista e ao surgimento das creches.

Os relatos dos professores apresentam semelhanças, no que diz respeito ao percurso de estudos e ao início de suas carreiras. Todos eles afirmaram que, a escolha pela profissão, bem como sua formação, foram caracterizadas por caminhos tortuosos e não intencionais, nos quais a docência na Educação Infantil não representava o objetivo inicial, em função dos condicionamentos sociais para o gênero masculino. Chegaram ao campo da Educação Infantil "acidentalmente", passando por distintos

campos profissionais, ou experiências em outros níveis de ensino. Dentre os cinco professores (entre 20 e 40 anos de idade), dois eram formados no antigo Magistério e os outros três, na licenciatura em Pedagogia. Dois deles possuíam primeira formação em Física e em Educação Física, e todos compartilhavam de experiências educativas anteriores com outras faixas etárias.

Esta relação estabelecida entre mulher, cuidado e educação é comentada por Wada (2003), quando diz que, não se trata de um “saber natural” das mulheres, mas um costume aprendido e construído socialmente. Portanto, a naturalização da profissão docente como feminina foi consequência de uma construção cultural, social e histórica, que colocou a mulher como representante da esfera reprodutiva e, conseqüentemente, responsável pelo cuidado e detentora de uma tendência feminina inata e instintiva. Badinter (1993) coloca a importância de lembrarmos que, não são apenas as mulheres que podem maternar uma criança, e que os “deveres” maternos, as atitudes e comportamentos femininos referentes ao cuidado são incitados por valores sociais, morais, religiosos e tantos outros.

A entrada dos homens no ambiente das creches e pré-escolas representa uma “novidade de gênero” e vincula-se às recentes conquistas no campo das políticas para a infância (RAMOS, 2011, p. 62). O homem, quando exerce uma profissão feminina, está em um ambiente estranho, “fora de seu lugar” e deve lidar com o preconceito, a discriminação e a desconfiança sofridas no interior das escolas, por suas próprias colegas de trabalho e, principalmente, pelas famílias das crianças, devido à dificuldade de desvincular a masculinidade ao perverso, ativo e sexuado. Sabemos que: “Ser homem ou mulher antes de tudo é uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não um ser biologicamente oposto ao outro” (BADINTER, 1993, p. 8).

Contudo, apesar dos homens já terem começado a ocupar maior espaço na esfera privada, no cuidado da casa e dos/as filhos/as, a ideia de tê-los como professores de crianças pequenas ainda é marcada por estranhamentos e interdições.

Este artigo continua denunciando que os professores homens precisam passar por um “estágio comprobatório” (SAYÃO, 2005; RAMOS, 2011; FERNANDES, 2014; ANSELMO, 2018), antes de serem aceitos pela comunidade educativa. Trata-se de um período em que todas as suas ações são observadas e eles devem provar suas capacidades de cuidar e educar as crianças pequenas, “(...) precisam oferecer provas da idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças” (RAMOS, 2013, p. 9).

Buscar pelos professores de Educação Infantil, que se encontram “fora de seu lugar” (RAMOS, 2013) e receber sua aprovação para realização da pesquisa foi um grande desafio, não só pelo baixo número de homens nesta profissão, mas pela dificuldade para que se dispusessem a ser colaboradores dela. Não foram poucos os professores que se recolheram antes que pudéssemos conversar. Pelos discursos das equipes gestoras, que intervinham como porta-vozes e por eles próprios, foi possível perceber que tinham certo receio em ter seus trabalhos observados. Tal preocupação pode ser justificada se levarmos em consideração todas as pressões sofridas por eles no exercício da docência na Educação Infantil.

Participar da pesquisa poderia significar reviver, de certa forma, o estágio comprobatório, como ter os olhares voltados as suas ações novamente. Ser observado, analisado, poderia provocar resistência capaz de levantar uma poeira já assentada. É importante ressaltar que a resistência não foi apenas dos professores, mas das instituições que, de forma semelhante, resistiram à realização da pesquisa de campo.

A partir de então, foi inevitável repensar as estratégias e procedimentos de pesquisa. O que seria um dos procedimentos para produção de materiais de análise tornou-se sua principal fonte, a realização das entrevistas. Estas demandaram um único encontro com cada professor entrevistado, mas possibilitaram o contato com os professores localizados, inicialmente, que também atuavam em locais e horários distintos das possibilidades do/a pesquisador/a, para a realização da pesquisa de campo.

De certa forma, através das entrevistas reduziu-se o grau de exposição dos professores e trouxe um maior controle sobre aquilo que poderíamos acessar. Deste modo, a escassez de homens exercendo a profissão e a rejeição deles próprios e/ou de suas instituições, serviram como formas de legitimar o preconceito e a discriminação vividas por eles ao exercer uma profissão feminina.

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

As entrevistas versaram sobre as experiências profissionais dos professores e suas concepções de infância e de Educação Infantil, suas formas de relação com as crianças pequenas e as linguagens corporais e expressivas que as caracterizam, além

das relações com outras professoras, suas famílias e comunidade educativa. Estabeleceram-se conversas informais com, aproximadamente, duas horas de duração, com cada professor individualmente, registradas por meio de gravador e, posteriormente, transcritas.

As entrevistas ocorreram em locais escolhidos e propostos por eles, três foram entrevistados na instituição educativa onde atuavam, outro na Universidade, em que foi realizado este estudo e o último, na praça de alimentação de um centro comercial, de uma cidade paulista, onde o mesmo residia e atuava. A partir das narrativas e depoimentos dos cinco professores, buscou-se localizar vivências e concepções que demarcassem suas individualidades, mas que também trouxessem à luz elementos representativos de uma coletividade masculina, através de aspectos convergentes em suas experiências formativas e profissionais.

Os discursos sobre suas práticas profissionais caracterizaram-se por reflexões, que oscilavam entre respostas, por vezes, fragmentadas e imprecisas, e outras, maiormente aprofundadas e críticas. Nesse sentido, mesmo que os protagonistas desta pesquisa e da relação pedagógica em si fossem os professores homens com as crianças pequenas, os entrevistados demonstraram uma ênfase no discurso pedagógico estabelecido entre os/as adultos/as, colegas de trabalho e familiares das crianças, em detrimento às questões sobre as brincadeiras -, o que se pode confirmar a marginalização das linguagens e das dimensões brincantes e expressivas na prática docente junto às crianças, em função das relações interpessoais, organizativas, administrativas e burocráticas entre os/as próprios/as adultos/as envolvidos/as.

Além disso, quando questionados sobre suas formas de relação corporal com as crianças, as respostas dos professores apontaram que, o aspecto essencial desta forma de relação, ainda é representativo de um imaginário coletivo que enfatiza, na relação entre os corpos dos/as adultos/as e das crianças, o cuidado como dimensão primeira. Entre corpos adultos e infantis, a ênfase parece permanecer nos corpos dos/as adulto/as, que cuidam dos corpos das crianças.

Contudo, ao redirecionar a questão, especialmente, para seus corpos e das crianças nas brincadeiras, os cinco professores revelaram e contribuem para uma necessária sensibilização para os encontros educativos cotidianos entre adultos/as e crianças, homens e/ou mulheres, de superação das opressões, preconceitos e limites sociais historicamente impostos, nas relações indissociáveis entre cuidar e educar na Educação Infantil.

ANÁLISES: "EU SOU MAIS DOS GESTOS GRANDES DO QUE DOS PEQUENOS"

Apesar das experiências vividas pelos cinco professores não terem sido marcadas por grandes resistências, todos mencionaram a presença de um olhar diferenciado da comunidade educativa. O professor Renato², por exemplo, caracterizou este olhar como "um olhar de apreensão". O professor Tyrone mencionou que esperava encontrar muito mais problemas do que de fato encontrou, justamente, por saber que: "-(...) as pessoas, infelizmente, não vão fazer as melhores associações", ao se defrontarem com um homem lidando com crianças pequenas.

Três dos professores entrevistados trouxeram a ideia de que, mesmo após sua aceitação pela comunidade educativa, sua capacidade de cuidar e educar as crianças pequenas, ainda precisava ser provada e comprovada diariamente, o que remete-se ao estágio comprobatório identificado por Sayão (2005) e por Ramos (2011).

-Você sente um olhar, o tempo todo você tem que estar alerta. Hoje foi tudo bem e você deu conta das suas coisas, mostrou que por conta do seu trabalho, está tudo ok, está seguro, mas no outro dia é a mesma coisa [...] não dá pra entrar numa zona de conforto porque a pegada no pé pode ser um pouco mais firme pra você [...] Tem que estar o tempo todo provando, porque não pode dar qualquer vaciladinha de um dia, ou uma semana: 'Ah, eu esqueci tal coisa'. Porque homem esquece. Homem isso, homem aquilo... Então, coisas de mochila, eu era, nossa! Isso me fez ter uma disciplina, tive um cuidado muito maior. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

O olhar diferenciado, sentido pelo professor, mesmo que singelo e a necessidade de comprovação constante de suas habilidades e capacidades, como professores das crianças pequenas, retratam o preconceito e a discriminação sofrida por eles. Mais do que uma desconfiança inicial, um olhar que os acompanhará, constantemente, ainda que já tenham provado suas capacidades.

Dentre as desconfianças e interdições sofridas por esses professores, destacam-se em todas as entrevistas, as questões relativas ao cuidado com os corpos das crianças. Quatro dos professores entrevistados trabalharam apenas com crianças acima de 3 anos, condição que os afastava dos cuidados mais intensos com a higiene e intimidade de troca de fraldas, e/ou de banhos constantes nas crianças.

-É lógico que se tomam alguns cuidados. Não é a mesma coisa. Se um pai entrar na sala e uma professora estiver com o filho dele, ou a filha dele no colo, não faz diferença. Mas se tiver um professor com a filha dele no colo, faz diferença. Então, você toma alguns cuidados. Não é que eu não pego criança no colo, mas não sento criança no meu colo, nunca. Brinco, pego no colo,

² Os nomes são fictícios, de acordo com os colaboradores da pesquisa.

levanto, giro, faço várias outras coisas que são demonstrações de afeto também, porque se trabalha com uma faixa etária em que o toque, a relação física é a primeira. Isso faz parte, eles veem que você chega e vêm todos te abraçar e te beijar. Tem toda essa relação também, mas não conto história com uma criança no meu colo, por exemplo. Não coloco. Acho por bem não arriscar (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Todos as narrativas trazem relatos que demonstram preocupação e cautela por parte dos professores, em relação aos momentos de higiene das crianças, em alguns casos, gerando alterações na organização das instituições para garantir o afastamento dos professores dessas atividades de cuidado, tão essenciais à Educação Infantil.

Apesar do persistente olhar de apreensão sobre estes professores, dois deles não alteraram sua prática, no que se refere ao cuidado com a higiene das crianças e reconheceram a importância destes momentos. Todavia, a menção a processos jurídicos foi uma fala comum de todos os professores, mesmo daqueles que não haviam se ausentado dos momentos de higiene das crianças. Os professores João e Luiz trazem falas similares de apreensão, ao pensarem na possibilidade de ser impedidos de exercer o trabalho que escolheram:

-Você corre riscos de, de repente, não poder mais fazer o que tu gostas. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

-Se eu parar, pensar e for conversar, na verdade, eu não concordo, mas faz parte de uma sobrevivência. Não vou correr esse risco, até porque, é uma coisa que não precisa de julgamento. Se um dia você for acusado disso, você já é culpado. Você pode até ser julgado inocente, mas não importa, porque você já foi julgado culpado. As vezes, isso me vem à tona e mostra como a gente está fragilizado em relação a isso. Se alguém falar alguma coisa, mas é isso que eu quero fazer da minha vida, aí dá um medo. Quando acontece algum episódio, dá um gelo. Poxa, se me tirarem isso, vai me doer muito. (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Para construir o vínculo afetivo com as crianças pequenas e educá-las, não basta reconhecer o lugar ocupado pelos seus corpos na jornada educativa, oferecendo tempos e espaços para as brincadeiras, mas também, reconhecer e atribuir os diferentes significados aos cuidados com esses corpos. Sobre isso, Sayão (2005) menciona o persistente “fantasma” existente, por trás do vocábulo cuidar, justamente porque ainda, enfrentamos resistência em atribuir o cuidado como uma das funções docentes, principalmente, quando estes docentes são homens³.

Outro medo relatado pelos professores entrevistados, diz respeito a certas maneiras de segurar as crianças no colo:

³ Recentemente, o Movimento em Defesa da Infância e da Educação Infantil promoveu várias ações para se opor ao retrocesso de um Projeto de Lei Federal, que impedia os professores homens cuidarem das crianças pequenas, como o Seminário “Homens na Educação Infantil: debates e proposições científicas em defesa das crianças pequenas”, organizado pela Prof^a Dr^a Anete Abramowicz, FEUSP, 2019.

-Depois de um tempo você começa a desenvolver esse olhar: o que as crianças perdem comigo por eu ser homem? E o que elas estão ganhando por isso? (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

O que as crianças estão perdendo e ganhando com seus professores e com suas professoras? Vivemos em uma sociedade assustada com a violência e com a sexualidade. Isso traz uma consequência direta para a educação, a tal ponto que as professoras que, de certa forma, estão mais livres de alguns preconceitos, também estão distanciando-se dos corpos das crianças. Para o professor Luiz, há elementos positivos e negativos na sua relação com as crianças pequenas, por ele ser homem:

-Como fazer dessa experiência um crescimento pra mim mesmo, enquanto homem, em sensibilidade, em questão de saber como é importante dividir. Do mesmo jeito, que a mulher tem uma condição de dar todo um afeto numa troca de fralda, num banho, num cuidado [...] Sim, têm coisas que diferenciam e que é de gênero, isso é fato, acho que sim. Mas tem muito mais essa postura do conjunto para que todos saiam ganhando com essa troca. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

O Professor Luiz busca estabelecer essa relação de troca de experiências com as professoras, demonstrando uma prática docente não restritiva e cada vez mais diversificada, pois não se trata de desenvolver um lado ou outro, ser isto ou aquilo, mas justamente, de aprender a viver esta contradição, deixar que uma parte incorpore-se à outra e superar a noção de que nossas experiências de vida devam constituir-se de forma polarizada e dicotômica.

Os professores também fizeram menção a situações em que foram requisitados para cumprir serviços que não correspondiam as suas funções docentes. O professor Tyrone relata sua trajetória apontando que, em seu primeiro ano na pré-escola, atuava na condição de módulo⁴, o que tem se mostrado muito comum em diversas pesquisas, no início da trajetória de professores homens, em instituições de Educação Infantil. À medida que contava sobre a sua primeira experiência, comentou sobre a solicitação constante de suas colegas para que as ajudasse em serviços de manutenção.

-A gente acaba tendo mais contato com ferramentas, com coisas pra arrumar, com isso e aquilo que, na tua sala quebram e, as vezes, você precisa. Já não tenho tanta facilidade com trabalhos manuais, se você pedir pra eu encapar uma caixa vai ser a caixa mais feia da escola e eu não tenho dúvida nenhuma. O meu armário não vai ser nunca o mais bonito. Talvez a porta que funcione melhor seja a minha, mas não vai ser o mais bonito. (Entrevista com Prof. Tyrone, 25/07/2014).

⁴ Cargo, geralmente, ocupado por professores/as ingressantes que, sem uma turma de crianças, substituem professores/as que faltam e/ou auxilia-os/as na jornada educativa.

Da mesma forma, quando o professor Tyrone menciona que os homens, em geral, têm maior contato com ferramentas e utensílios de manutenção, ele está demonstrando que a facilidade para a realização destas atividades se deve, justamente, às vivências destes homens, desde crianças, como retrata outro professor:

-Essa facilidade entra porque eu não tenho criação de menina, por exemplo, quando você entra pra umas coisinhas que são 'dia das mães'. Aí, tem que fazer lembrancinha, tem que fazer aquilo e, embora eu tenha feito plástica, sou péssimo com essa história de colar lantejola em alguma coisa, colar, dar um verniz bonitinho pra alguma coisa que, as vezes, eu sou mais dos gestos grandes do que dos pequenos. (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Assim, como mencionou Sayão (2005), a atribuição da troca de fraldas e a preparação de mamadeiras, como "funções femininas", legitima a definição das funções da vida em sociedade através do sexo, o que implica que, ser homem significa não saber trocar fraldas ou preparar mamadeiras e, neste caso, ser homem também implica em não levar jeito para atividades "miúdas" de colagem, enfeites, etc.

O professor Jorge relata não saber dizer se há diferenças em sua atuação, que se justifiquem por ser homem e diz que, as mulheres brincam, sentam-se no chão, cantam e fazem roda, atividades que ele faz, da mesma forma. O professor também menciona a preocupação de sua atual coordenadora, que busca estimular os/as professores/as a participarem das brincadeiras das crianças, dizendo:

-Você não chama ninguém pra tomar café na sua casa, dá o café na mão dela e fica sentado olhando. Então, se você está vendo a criança brincar, você não tem que ficar sentado na sua mesa olhando, vendo revista ou conversando com alguém. Você tem que brincar junto. (Entrevista com Prof. Jorge, 10/07/2014).

Mais adiante, o professor Jorge comenta que, o que leva os/as docentes a participarem, ou não, das brincadeiras não diz respeito somente ao gênero, mas também à idade, à geração, às condições físicas, ao desejo de trabalhar, dentre outras questões, que variam: "(...) de pessoa para pessoa, de formação para formação, de pensamento para pensamento e de ideologia para ideologia" (Entrevista com Prof. Jorge, 10/07/2014). E reafirma:

-Não sei se isso influencia muito por ser homem, eu vejo por ser moleque. Estou com 28 anos e por mais que a idade já comece a pesar um pouco agora e não seja tão moleque como antes, ainda vejo muito disso [...] Diferente de outras professoras que já tem trinta, quarenta, tem professora pra se aposentar, tem uma que se não me engano está com 66, não vai correr, jogar bola, pular, então, eu vejo não por ser homem. (Entrevista com Prof. Jorge, 10/07/2014).

É interessante ressaltar a escolha pela palavra "moleque". Se buscarmos suas possíveis definições, encontraremos associações de uma pessoa de pouca idade, brincalhona e que, além de se dirigir à figura masculina, geralmente, possui conotação

negativa, que remete a um comportamento irresponsável, imaturo, ao qual não damos crédito, como no dicionário: trata-se de alguém “sem seriedade”.

A associação da categoria de idade, como um possível argumento para o distanciamento das brincadeiras das crianças, também surgiu na fala dos professores Tyrone, Luiz e João. O professor Jorge, de certa forma, retrata a ideia difundida na sociedade atual, de que “aquele que brinca”, ainda é “moleque” e que, conforme a idade “pesa”, a dimensão brincalhona se distancia, afinal, não condiz com o mundo adulto do trabalho e do capitalismo (MARCELLINO, 1990).

Foi possível perceber, em diversos relatos, que os homens entrevistados reconhecem sua mobilidade favorecida e seu estabelecimento de relações diferenciadas com as crianças, quando o tema é a brincadeira.

-Acho que, a princípio, tinha umas atividades que eram mais fáceis, pelo fato de ser homem, principalmente, quando você pega a brincadeira, correr, brincar, pega-pega, ou um percurso de obstáculos que você tem que se rastejar, pular, dar uma cambalhota, isso, de certa forma, foi facilitado por ser homem, então, pra mim era muito mais fácil. Pegar o meu grupo de crianças e montar um percurso, fazer e brincar com ele, o que já faz uma mega diferença quando a criança tem a referência do adulto, fazendo o que está sendo solicitado como proposta. Ela vê o adulto também como parte daquele processo, não é aquele cara que está chegando com aquele microfone. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

Em seguida, o professor Luiz aponta para a força física, a agilidade e a destreza como elementos facilitadores, para que essa relação corporal seja diferente e reconhece, inclusive, a existência de barreiras corporais e de padrões estéticos restritivos às mulheres.

-Socialmente, ele (o homem) já tem essa liberdade com o corpo, já tem essa liberdade com o movimento e algumas posições que se possa fazer, que não vai se fazer alguma alusão a qualquer tipo de sensualidade. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

Campos; Grosbaum; Pahim e Rosemberg (1991) apresentam a sensualidade como um complicador existente nas relações entre adultos/as e crianças. Essa sensualidade deve-se ao contato corpo-a-corpo e à percepção sobre os indicadores sensoriais, como odores, temperaturas e sons. As autoras colocam que, “(...) admite-se mais facilmente essa sensualidade na interação mulher-criança que na homem-criança” (CAMPOS et al, 1991, p. 54). Porém, fala-se dessa interação, somente no que se refere aos cuidados com a higiene das crianças.

Na perspectiva do toque, cheiros e sensações, as mulheres estão livres de julgamentos eróticos e a noção de uma sexualidade ativa e descontrolada persiste vinculada ao masculino (SAYÃO, 2005; RAMOS, 2011). Mas a fala trazida pelo

professor Luiz elucida que, em outras situações, atribui-se sensualidade à mulher de tal forma que se restringe muitas posições, modos de se sentar, de se vestir e de se movimentar, de ser - o que estabelece uma inversão em relação à noção de sensualidade, trazida por Campos et al. (1991), pois, neste momento, liberta-se o homem e limita-se a mulher.

-Tem outra coisa também, que talvez faça bastante diferença, que é nosso próprio vestuário, né!? O homem pode simplesmente por uma bermuda, como eu fiz anos, põe um chinelo, uma sandália e já está muito mais acessível pra qualquer brincadeira. A mulher, geralmente, como já tem um padrão definido, de estética de roupas e tipos de roupa. A roupa que você veste já inibe e delimita bastante o movimento. Então, como é que eu vou pular? E toda uma questão também, não são todas que vão levar um uniforme pra vestir lá, mas também, tem uma questão social, que se você sair com uma calça um pouco mais folgada, talvez, você não vai estar nos padrões e aquilo vai te fazer mal. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

Dentro da ideia desta criação diferenciada para a menina e para o menino, o professor João comenta que: "-(...) as meninas são criadas para ser uma boa menina, que senta de perna fechada e vestidinho, e não vira cambalhota porque vai aparecer a calcinha". Nesse sentido, ele argumenta que, pelo fato de ter tido "criação de menino", sente diferenças em sua prática:

-Isso me facilita o trabalho por essas vivências, mas também, estudei com algumas pessoas, que eu conheço o trabalho que, pela relação que a pessoa tem corporal, de postura corporal mesmo, sabe que são meninos, que eu duvido que trabalhem corporalmente assim. Não é que ele não faça atividades. Todo professor faz atividades corporais, algum tipo de atividade, mas ele mesmo cair no chão, rolar, se jogar no chão, ir pro chão mesmo, eu duvido. E são meninos, mas que por outra linha, são meninos que foram criados para serem meninas. (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Podemos perceber algumas falas semelhantes nos relatos dos professores João e Luiz, que trazem novamente à discussão o uso da palavra "moleque":

-Tem suas exceções. Você encontra essas meninas, ironicamente, chamadas de "meninas moleque", que são mais brincalhonas, que pulam e tal, mas que, geralmente, têm essa coisa de ser um pouco mais contida, que é o que vejo mais. Sempre um pouco mais contida, no que se refere ao trabalho com o corpo e na participação nas brincadeiras, no correr. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

-Tinha uma professora aqui, o ano passado, que deve ter uns quarenta anos. Eu tirei foto, foi engraçado que tirei foto, cheguei na quadrinha que tinha do lado do parque pra brincar com as crianças e ela estava jogando bola com os meninos. Quer dizer, tinha menina e tudo, mas ela entrou no jogo que, geralmente, ficam só os meninos e imagina. Mais meninas foram e ela estava jogando, molecona toda e tem isso também, uma divisão que, quando a mulher faz alguma atividade física, eu acabei de dizer, ela é moleque. A gente faz essas diferenças que são cruéis. Ela estava jogando e fiquei muito feliz, tirei foto e depois cheguei aqui na sala dos professores, que a gente tem horário pedagógico e comentei com ela que era a primeira vez, desde 2010, que vi uma professora jogando bola, assim, futebol! (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Os professores apontam que, as professoras brincalhonas representam uma exceção e ao caracterizá-las como “meninas moleques”, conscientes dos efeitos e significados do uso desta expressão, estão dizendo que, nestes casos, essas mulheres extrapolam às expectativas sobre o comportamento feminino e passam a corresponder a algumas atitudes reconhecidas como masculinas.

Em diversos momentos, os professores afirmaram que, as diferenças entre o seu trabalho e o de suas colegas, nada se remetiam às questões de gênero, mas a aspectos particulares, que independem de ser homem ou mulher, das vivências e da trajetória individual do professor ou da professora. É evidente que a trajetória de cada indivíduo, seus estímulos e influências particulares produzem histórias, habilidades e práticas diferenciadas, mas “(...) a trajetória deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa direção particular e não outra” (SAYÃO, 2005, p. 65). Apesar dos professores Renato e Jorge insistirem em dissociar o fato de serem homens às formas de se relacionarem com as crianças, traziam, posteriormente, relatos que contradiziam a afirmação anterior.

Durante as entrevistas, quase todos os professores afirmaram que o trabalho docente independe de quem o desempenha, se um homem ou uma mulher. No entanto, foram vários os momentos em que eles acabaram se contradizendo e mostrando que tem outras noções sobre a questão (CARDOSO, 2007, p. 4).

Sayão (2003) aponta que o corpo é a primeira forma de distinção social, pois através da leitura dos corpos de meninas e meninos, e dos significados atribuídos a eles, enquadrados as crianças a marcas permanentes em suas vidas. Dentre as marcas impressas nos corpos de homens e mulheres estão as suas possibilidades de movimentação. É interessante observar que o professor Renato, além de sua primeira formação em Educação Física, não só teve o seu corpo livre de restrições, como desenvolveu um trabalho constante de libertar as crianças dos possíveis controles corporais. Em contrapartida, as mulheres que sofreram maior controle sobre suas movimentações, muitas vezes, delimitam também as movimentações das crianças e demonstram-se temerosas quanto a sua segurança.

-Eu já venho dando relaxo com a molecada, a gente já cata e joga pra cima. Então, você tem aquela coisa de brincar, sem tanto medo, que a gente vê, as vezes, em algumas figuras, em algumas professoras, que têm um receio assim. (Entrevista com Prof. Renato, 22/07/2014).

A diferença de postura entre o docente que brinca e o docente que vigia foi trazida por dois professores. Sobre isso, João relata buscar um meio termo entre as duas posições, pois reconhece que há momentos que os/as adultos/as, quando entram na

brincadeira das crianças, podem interferir de uma forma que impede que: “-(...) a criança seja criança com outra criança”. Por outro lado, destaca a necessidade de intervenção e participação dos professores e professoras em outros momentos, com o objetivo de trazer novas possibilidades para as crianças:

-Aquele brinquedo que a gente chama de trepa-trepa, geralmente, fica meio vazio. Pelo menos com os menores, vai aos poucos e, via de regra, os professores têm bastante desespero com aquele brinquedo e tal. Eu confesso que eu não sou muito. Não é que eu não seja cuidadoso, mas eu não tenho muito medo assim. Eu acho que não vai cair. Eu subo. Às vezes, eu estou sentado no parque observando eles, aí eu subo, vou pra um brinquedo observar eles e isso chama atenção pras coisas que eles não estão fazendo. Você percebe que eles não estão fazendo alguma coisa, aí você vai lá e faz, e brinca um pouco naquilo, uma vez..., passam uns dias, você faz de novo. Daqui a alguns dias, eles passam a fazer as coisas que você estava fazendo. (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Nesse sentido, percebemos que a participação do professor abre portas para novas possibilidades, de modo a enriquecer o repertório de brincadeiras das crianças. O Professor João aponta que é incomum encontrar professoras participando de algumas das brincadeiras corriqueiras das crianças, como pega-pega e comenta: “-(...) uma coisa é ele correr atrás do amigo, outra coisa é ele correr atrás do professor. É muito mais legal correr atrás do professor!” (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Com isso, percebemos que a postura propositiva do docente exerce influências em variados níveis. Se retomarmos o relato do professor João sobre a professora, que jogava futebol com as crianças, veremos que, ao notar a participação da professora, muitas meninas aproximaram-se e entraram no jogo. João aponta ter a mesma percepção sobre os momentos em que joga bola com os meninos:

-Elas vão se interessando e quando veem que está todo mundo rindo, brincando, todo mundo está caindo, se jogando..., até outros meninos, que também não gostam de jogar bola, começam a participar, o que é divertido! (Entrevista com Prof. João, 23/07/2014).

Pensando numa Pedagogia de corpos inteiros como aquela que tem os corpos dos professores, das professoras, de meninos e de meninas pequenas como centro, faz-se fundamental que os/as adultos/as reencontrem com suas infâncias adormecidas e com as das crianças, acordadas e pulsantes, relacionando-se com elas através de suas múltiplas linguagens (EDWARDS et al., 1999), além de ampliá-las para além das hierarquias decorrentes das crenças e das pré-noções de masculino e feminino. Com isso, talvez, encontraremos cada vez mais professoras e professores subindo em árvores, brincando de pega-pega e experimentando representar inúmeros papéis, porque “[...] viver isso com as crianças ajuda a relativizar nossas categorias fechadas,

abrindo-nos para a possibilidade de pensar que somos sujeitos femininos e masculinos” (SAYÃO, 2003, p. 83).

Em contrapartida, os professores entrevistados também revelaram que, algumas atitudes e práticas realizadas pelas professoras serviram como referências para eles, não apenas no campo profissional. O professor Tyrone relatou a observação das estratégias criadas pelas mulheres na resolução de algumas tarefas, que ele resolveria com truculência e o quanto admirava as adaptações feitas por elas. O professor Jorge atribui a calma adquirida por ele à convivência com suas colegas. João cita a referência de organização absorvida através da observação do trabalho de uma colega.

Em suma, assim como demonstrou Carvalho (1998), através do envolvimento com as crianças e da inserção em um ambiente feminino, comportamentos atribuídos ao universo feminino começam a ser justificados pelos homens como parte de suas opções ideológicas, passando a compor a sua própria masculinidade e a profissão docente na Educação Infantil, no convívio com as diferenças e rompendo com os preconceitos de gênero.

O professor Luiz não só reconhece as contribuições trazidas pelo convívio com as mulheres, como aponta o olhar das pessoas de seu convívio profissional com elas:

-Tem o olhar machista. 'Você está ficando mais afeminado'. Sei lá, tipo: 'está falando muito mole, está muito sentimental, muito emotivo', que são as características das mulheres com conotação machista e negativa. Nunca vem como 'Nossa, que legal!'. E isso que é o problema. Se conseguíssemos que isso realmente fosse passado, talvez os homens topassem mais ter esse tipo de vivência e experiência para poder saber tipo..., feminizar um pouquinho mesmo, sei lá, dançar! (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

Sobre isso, Torrão Filho (2005) menciona que, dentro da configuração de liberação para os gêneros e de emancipação do homem e da mulher, diferente de liberar alguns aspectos masculinos da personalidade das mulheres, é liberar os femininos da personalidade do homem, pois se aceitam apenas alguns deles, nunca todos. Como aponta Citeli (2001), os estereótipos construídos de acordo com a ordem biológica têm demonstrado sua capacidade em se manter na organização social dos sexos, apesar do cenário de mudanças culturais, tecnológicas e políticas em que vivemos, mesmo com provas de suas inconsistências.

O professor Luiz contou que, recentemente, iniciara um curso de percussão e sentia que, a sua facilidade para dançar advinha do convívio com as crianças e professoras, segundo ele, um fator de imensa contribuição:

- Eu vejo os caras todos durões lá e tem essa coisa..., acabam perdendo muito e, na verdade, a real é essa. O machismo é ruim pra mulher, mas é muito ruim pro homem também, acho que eu, como homem, digo que ele é horrível porque impede que você transcenda sensações, emoções, jeitos, que você transcenda várias coisas e não se feche num tipo de postura, no que eu tenho que ser pra aquela pessoa, é isso e acabou, e fica vazio. É ruim socialmente porque a gente vê muita coisa ruim a partir disso, mas acho que perde nesse sentido também, de amadurecer "como ser". Você está em troca a todo momento. (Entrevista com Prof. Luiz, 10/07/2014).

Neste sentido, assim como acentua Cerisara (2002), gênero não é apenas mais uma variável, mas uma categoria de análise fundamental para que se possa compreender e refletir sobre a construção da identidade profissional de homens e mulheres. A pesquisadora ainda aponta que, fazer-se homem, ou mulher não se deve às características biológicas, mas às práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes, que ainda, levam em conta os valores e princípios da sociedade na qual se inserem.

5. CONCLUSÕES: "OLHA O QUE VOCÊ FOI INVENTAR!"

-A criançada curte muito a figura masculina. Falou em 'vamos subir em árvore', 'vamos pendurar' e eles já estão dentro. Vejo em algumas professoras, não só daqui, de todos lugares que passei, um certo receio 'ah, tem que tomar cuidado, ele pode cair e tudo'. Eles gostam que você pegue, agarre, finja que vai jogar e faz uma fila! Você pega um e levanta, e tem 30 atrás já querendo. A criançada tem mesmo essa carência de 'me pega, me balança', eles gostam demais e haja braço! Tem uma professora que falava 'olha o que você foi inventar!' (Entrevista com Prof. Renato, 22/07/2014).

As narrativas dos professores evidenciam que, o sexismo e as discriminações de gênero que permeiam as expectativas de um perfil docente da Educação Infantil, impõe limites sobre os corpos masculinos e nas relações que estes estabelecerão com as crianças, com as outras professoras e profissionais, famílias, instituições e com as próprias ações, que caracterizam esta atuação profissional. Seja no lugar que as brincadeiras ocupam (ou deveriam ocupar), seja o cuidado, as possibilidades de criação, invenção e legitimação do próprio trabalho, os relatos dos professores traduzem barreiras impostas por este sexismo.

Um primeiro ponto é o 'estágio comprobatório', pelo qual passam os professores, por não pertencerem ao universo feminino considerado para esta profissão docente. É preciso provar, continuamente, a legitimidade de ocupar este lugar. Além disso, apesar da dimensão brincalhona ser mais permitida a eles, o mesmo não acontece em relações às dimensões do cuidado e do afeto que, se não são negadas aos professores, são excessivamente vigiadas, questionadas e evitadas. As trocas de funções também dizem

do lugar de não pertencimento, pois envolvem atividades que não fazem parte do ofício da docência, mas que são atribuídas aos professores como se pertencessem a única masculinidade aceita e possível, como ações de manutenção e consertos, por exemplo.

Sobre a dimensão brincalhona constatou-se que as possibilidades de ser e de se tornar professor ou professora brincante originam-se das experiências vivenciadas ao longo da vida, mas que vão sendo construídas também através das experiências formativas e profissionais. Entretanto, é impossível desvincular o gênero como categoria de análise, justamente porque, as vivências permitidas para meninas e meninos não são as mesmas e estão vinculadas aos significados culturais e sociais atribuídos às características dos corpos masculinos e femininos, estabelecendo os comportamentos esperados para cada gênero.

A evidência de que os homens foram mais permitidos a explorar o espaço e as possibilidades de movimentação do próprio corpo, de formas mais livres do que as mulheres, desde bebês, de certa forma, pode assegurar que eles tenham a sua dimensão brincalhona mais desperta e propositiva. Desta forma, a maneira como os corpos são permitidos, controlados, de acordo com os significados atribuídos às diferenças corporais, interfere significativamente no trabalho da professora e do professor da Educação Infantil, o que demonstra que o gênero não é neutro, muito menos, nesta profissão docente.

Pode-se constatar, portanto, que a presença dos homens nesta profissão, naturalizada como feminina, desconstrói valores produzidos e permite que tenhamos um olhar diferenciado sobre a Educação Infantil, uma vez que, os homens trazem novos elementos à prática docente, modificando a experiência de suas colegas, a relação com as crianças e com suas famílias, e alterando aspectos centrais no cotidiano das creches e pré-escolas, principalmente, no que diz respeito às práticas corporais, aos movimentos e às brincadeiras.

Assim como coloca Finco (2003), através de mecanismos sutis se constroem e se mantem as diferenças entre os sexos, nas instituições de Educação Infantil, o que faz com que as crianças aprendam a hierarquia dos sexos, enquanto permanecem na escola. A autora ainda, coloca a centralidade do papel das/os profissionais da Educação Infantil, para que as relações aconteçam de forma livre e sem papéis pré-determinados. Aqui também, as narrativas revelam que, a presença de um homem num ambiente feminino estabelece uma quebra de paradigmas, quando se percebe que, muitas meninas encorajaram-se a participar de brincadeiras consideradas masculinas e vice-versa.

Dessa maneira, pode-se concluir que a mobilidade dos homens é, de fato, favorecida, desde meninos e que, a construção dos corpos masculinos e as diferentes brincadeiras vivenciadas por eles mostraram-se potentes e favoráveis à construção de uma Pedagogia da Educação Infantil, que prioriza os corpos e os movimentos em suas propostas educativas, tornando sua dimensão brincalhona, mais do que um pré-requisito, o principal quesito desta profissão docente.

Além disso, nossas discussões apontam para necessidade de futuras reflexões, que continuem buscando conhecer quem são os professores da Educação Infantil, seus (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados, desconstruindo opressões e preconceitos. Sua presença na Educação Infantil pode modificar as experiências das mulheres (e vice-versa), e contribuir para a invenção de olhares diferenciados sobre as possibilidades de relações educativas com as meninas e meninos pequenas, com os/as demais profissionais, famílias, comunidade educativa e com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Viviane Soares. **Educação infantil, dimensão brincalhona, gênero e profissão docente: o que professoras e professores têm aprendido com meninas e meninos pequenas/os?** Dissertação de Mestrado, FEUSP, São Paulo, 2018.
- BADINTER, Elizabeth. **Sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BECCHI, Egle. Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino. **Proposições.** Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.14, n.3 (42): p. 41-52, set./dez., 2003.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (orgs.). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** 9ª ed., Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- BRASIL. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília/DF: MEC, SEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859. Acesso em: 15/09/2020.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília/DF, MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859. Acesso em: 15/09/2020.
- CAMPOS, Maria Malta; GROSBAUM, Marta; PAHIM, Regina e ROSEMBERG, Fúlvia. Profissionais de Creche. **Caderno Cedes.** Campinas/SP, CEDES, n.9, p. 39-66, 1991.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. **30ª Reunião Anual da ANPED**. GT 23, Caxambú/MG, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>. Acesso em: 04/05/2020.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis/SC, v. 6, n.2, p. 406-424, 1998.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil**: entre o feminino e o profissional. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2002.

CITELI, Maria Teresa. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis/SC, n.9(1), p.131-145, 2001.

DUARTE JR., João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a Educação (do) sensível. Tese de Doutorado, FE-UNICAMP, Campinas/SP, 2010.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação Pré-Escolar e Cultura**. 2ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Cortez, 1999.

FERNANDES, Isabela Signorelli. **Brincadeira, corpo e movimento**: um estudo sobre a dimensão brincalhona dos professores da Educação Infantil. Trabalho de Iniciação Científica, Pedagogia, FEUSP, São Paulo, 2014.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.14, n.3 (42), p. 89-101, set./dez. 2003.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas**: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007, p. 94-119.

GHEDINI, Patrícia. Entre a experiência e os novos projetos: a situação da creche na Itália. In: ROSEMBERG, Fúlvica; CAMPOS, Maria Malta (orgs.). **Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez e FCC, 1994, p.189-209.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 30-42.

IZQUIERDO, Maria Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, Mercedes (org.). **Pensar las diferencias**. Universidad de Barcelona, 1994, p.31-53.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11ª ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas/SP: Papirus, 1990.
- PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-Posições**. Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.10, n.1(28), p. 110-118, 1999a.
- PRADO, Patrícia Dias. Dar voz e ouvidos às crianças pequeninhas: a dimensão brincalhona em cena. **Cadernos de Educação de Infância**. Lisboa/PT: APEI, n.49, jan./mar., p.39-40, 1999b.
- PRADO, Patrícia Dias. Quer brincar comigo? Pesquisa, brincadeira e Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 3ª ed., Campinas/SP: Autores Associados, 2009, p.93-111.
- PRADO, Patrícia Dias. Por uma Pedagogia da Educação Infantil de corpos inteiros. In: MELO, José Carlos de; CHAHINI, Thelma Helena Costa (orgs.). **Reflexões e práticas na formação continuada de professores da Educação Infantil**. São Luís/MA: EdUFMA, 2015. p. 205-219.
- PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares. Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na Educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.30, 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072019000100555&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06/07/2020.
- PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares. "A brincadeira é o que salva": dimensão brincalhona e resistência das creches/pré-escolas da USP. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, FEUSP, v.46, 2020. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/169852/160733>. Acesso em: 06/08/2020.
- RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte/MG**. Dissertação de Mestrado, PUC Minas, Belo Horizonte/MG, 2011.
- RAMOS, Joaquim. **O ingresso e a permanência de professores homens na Educação Infantil**: a desconstrução de lugares fixos. 2013. Disponível em: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/ganhadores_9educacao/Cat_M_Doutorado/JoaquimRamos.pdf. Acesso em: 04/05/2014.
- ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992.
- ROSEMBERG, Fúlvia; SAPAROLLI, Eliana. O homem como educador infantil. Reunião da ANPOCS, 20. **Anais** [...] Caxambu/MG: ANPOCS, 1996.
- SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões referentes à Educação Infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas/SP, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SAYÃO, Deborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**. Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.14, n.3, p. 67-88, set./dez. 2003.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creche. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis/SC, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre/RS, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIEBERT, Renate. O adulto frente à criança: ao mesmo tempo igual e diferente. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (orgs.). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos**. 9ª ed. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1998. p. 77-87.

TORRÃO FILHO, Amilcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. Campinas/SP, UNICAMP, jan./jun., p.127-152, 2005.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília/DF: Abaré, p. 159-180, 2013.

WADA, Maria José Figueiredo Ávila. A professora de creche: a docência e o gênero feminino na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas/SP, FE-UNICAMP, v.14, n.3 (42), p.53- 65, set./dez. 2003.

NOTAS

PROFESSORES HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS E (DES)ENCONTROS ENTRE CORPOS, BRINCADEIRAS E CUIDADOS

Male Teachers in Early Childhood Education: narratives, encounters and avoidances between bodies, games and care

Patrícia Dias Prado

Doutora em Educação
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
patprado@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8790-1594> 

Viviane Soares Anselmo

Mestre em Educação
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
vivianselmo4@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6128-8111> 

Isabela Signorelli Fernandes

Pedagoga
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Major Roberto Scatolin, 611- Village Campinas, Campinas/SP, CEP 13085-709.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente.

Concepção e elaboração do manuscrito: P. D. Prado, V. S. Anselmo, I. S. Fernandes

Coleta de dados: P. D. Prado, V. S. Anselmo, I. S. Fernandes

Análise de dados: P. D. Prado, V. S. Anselmo, I. S. Fernandes

Discussão dos resultados: P. D. Prado, V. S. Anselmo, I. S. Fernandes

Revisão e aprovação: P. D. Prado, V. S. Anselmo, I. S. Fernandes

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 14-07-2020 – Aprovado em: 30-09-2020